

“Em casa para ficar, Glory! Sim!”, disse o pai, e o coração dela caiu-lhe aos pés. Ele tentou um brilhozinho de alegria perante esta ideia, mas tinha os olhos húmidos de comiseração. “Para ficar algum tempo, desta vez!”, corrigiu, pegando-lhe no saco depois de passar a bengala para a mão mais fraca. Bom Deus, pensou ela, Deus do Céu. Assim começavam e terminavam naquele tempo todas as suas orações, que na realidade eram exclamações de surpresa. Como podia o pai estar tão frágil? E como podia mostrar-se tão imprudentemente determinado a satisfazer os seus ideais de cavaleirismo, pendurando a bengala no gradeamento das escadas para, meu Deus, lhe levar o saco para o quarto? Mas assim fez, e depois ficou à porta, a tentar recompor-se.

“Este é o melhor quarto. Segundo a Sr.^a Blank.” Apontou para as janelas. “Ventilação cruzada. Não sei. Para mim, são todos bons.” Riu-se. “Bem, é uma boa casa.” A casa, para ele, corporizava a bem-aventurança geral da vida, que considerava manifesta e realmente inquestionável. E que nunca se esquecia de agradecer, sobretudo quando esta contrastava com alguma mágoa em particular. Ainda mais frequentemente depois de a mãe ter morrido, falava da casa como se fosse uma velha esposa, bela por cada conforto e graça que tinha proporcionado ao longo de tantos anos. Nem todos os olhos viam esta beleza. Era uma casa demasiado alta para aquela zona, de fachada lisa, telhado achatado e janelas com palas pontiagudas. “Em estilo italiano”, dizia o pai, mas era um palpite ou uma racionalização. De qualquer modo, a casa conseguia parecer simultaneamente austera e pre-

tensiosa, apesar de o pai, para satisfazer o gosto local pela convivência nas longas noites quentes de verão, ter mandado construir à frente um alpendre que fora invadido por um enorme maciço de bignónias trepadeiras. Era uma boa casa, declarava o pai, querendo dizer que ela tinha um coração generoso, por muito deselegante que a sua aparência fosse. E agora tinha os jardins e arbustos em desordem, como ele devia saber, apesar de raramente se aventurar para lá do alpendre.

Não que os jardins e arbustos alguma vez se tivessem distinguido pelo bom aspeto, mesmo quando a casa estava no seu melhor. Os jogos das escondidas não permitiam que isso acontecesse, tão-pouco os de *croquet*, *badminton* e basebol. “Que bons tempos vocês passaram”, dizia o pai, como se a leve desolação do presente se devesse aos *confetti* e pratinhas de rebuçados que tivessem ficado para trás depois da passagem de qualquer desfile magnífico. E havia o carvalho à frente da casa, muito mais antigo do que o bairro ou a povoação, que ia esmigalhando em cascalho o passeio por cima das raízes e estendendo até à estrada e através do pátio os ramos imponderáveis, com um diâmetro superior ao do tronco de uma árvore normal. Tinha uma torção no corpo que o fazia parecer um dervixe gigante. O pai dizia que, se olhassem como Deus, em tempo geológico, o veriam emergir do solo, revirar-se ao sol, estender os braços e deliciar-se com as alegrias de ser um carvalho no Iowa. Dantes havia quatro baloiços suspensos daqueles ramos, anunciando ao mundo a fertilidade da casa. O carvalho continuava em grande forma, e claro que tinha havido, e continuava a haver, macieiras, cerejeiras e alperceiros, lilases, bignónias e lírios-de-são-josé. Uns poucos íris da mãe ainda davam flor. Na Páscoa, ela e as irmãs ainda apanhavam braçadas de flores; os olhos do pai marejavam-se de lágrimas e ele dizia “Ah, sim, sim”, como se fossem uma homenagem aos mortos, flores que não passavam de uma agradável recordação de flores.

Por que razão lhe parecia tão abandonada esta casa firme e hirta? Tão inconsolável? Depende do olhar do observador, pensava ela. Ainda assim, sete dos filhos vinham a casa sempre que podiam, telefonavam e enviavam cartas, prendas e caixas de toranjas. Os filhos dos filhos, logo que conseguiam pegar num lápis e fazer uns sarra-biscos, eram ensinados a recordar o avô, depois bisavô. Os paroqueianos e os seus filhos e netos visitavam o pai dela com uma dedi-

cação que teria posto as suas forças à prova se o novo padre não lhes tivesse chamado a atenção. E havia Ames, o alter ego do pai, em quem ele confiava tão plenamente e há tanto tempo, que era como um segundo pai para todos eles, sobretudo pelo facto de saber mais sobre eles do que gostariam. Às vezes obrigavam o pai a prometer que não contaria nada a ninguém, mas ele percebia que se referiam ao reverendo Ames, por ser demasiado discreto para repetir qualquer confidência — a não ser no confessionário da austera cozinha de solteiro de Ames, onde, segundo suspeitavam, tais preocupações eram esquecidas. E o que é que o pai não podia contar? Que eles denunciavam Jack, que lhe contavam o que Jack tinha dito, o que Jack fizera ou parecia querer fazer.

“Preciso de saber”, dizia o pai. “É para o bem dele.” Assim, denunciavam o pobre malandro do irmão, que sabia disso, e se irritava e divertia sombriamente, mantendo-os informados ou desinformados e inspirando-lhes suspeitas urgentes que achavam que tinham de transmitir, independentemente de se sentirem mal por causa disso, para poupar o pai a ter de ir falar outra vez com o xerife. Não eram o género de crianças que espalhavam histórias. Na realidade, entre eles, opunham-se rigorosamente a isso, mas em relação a Jack abriam uma exceção, por recearem que de outro modo fosse pior. “Será que o vão prender?”, perguntaram uns aos outros, muito tristes, quando o filho do presidente da câmara encontrou a sua caçadeira no celeiro deles. Se tivessem sabido, tê-la-iam devolvido, para pouparem o pai à surpresa e à humilhação. Pelo menos com um pequeno aviso, o pai podia ter-se preparado, podia ter conseguido sentir algo menos enervante do que pura inquietação.

Mas não, não o tinham metido na cadeia. Jack, ao lado do pai, pediu mais uma vez desculpa e aceitou varrer as escadas da câmara municipal todas as manhãs durante uma semana. E, de facto, todas as manhãs saía de casa cedo. Durante essa semana, as folhas e sementes volantes de ácer acumularam-se nas escadas do edifício; acabou por ser o presidente da câmara a varrê-las. Não. O pai intercederia sempre por ele. Geralmente, o facto de o pai ser quem era até tornava qualquer intercessão desnecessária. E o rapaz sabia pedir desculpa com a mesma fluência com que qualquer outro dos Boughtons rezava o credo.

Uma década de traições, pequenas e grandes, tinha sido exacerbada pela consciência de ambos os lados de estarem sempre atentos às transgressões iminentes, com a agravante adicional de Jack nunca lhes ter retribuído na mesma moeda, embora isso provavelmente se devesse ao facto de as malandrines dos irmãos serem demasiado insignificantes para despertarem o seu interesse. Dizer que até hoje se sentiam culpados em relação a Jack seria um pouco exagerado. Sem dúvida, Jack teria as suas razões para manter a distância durante tantos anos, recusando qualquer contacto com eles. Isto partindo do princípio de que, se Deus quisesse, estava vivo. Olhando para trás, era fácil imaginar que Jack se tivesse cansado de tudo, embora eles soubessem que, para ele, aquilo era um jogo sombrio. Às vezes parecia que queria simplesmente poder confiar num irmão ou numa irmã. Lembravam-se de que, de vez em quando, fora quase sincero, falara quase a sério. Depois tinha-se rido, mas podia ter sido por vergonha.

Deram atenção ao pai durante todos os anos seguintes, em parte por terem consciência da mágoa dele. E eram muito amáveis uns com os outros e joviais, gostavam de recordar os bons velhos tempos e viam fotografias antigas para o pai se rir e comentar: “Sim, sim, vocês davam muito trabalho.” É possível que tudo isto fosse ainda mais verdade por causa da má consciência, ou, se não por isso, devido a uma mágoa parecida com a culpa. Aqueles irmãos bons, amáveis e joviais eram bons, amáveis e joviais de modo consciente e visível. Mesmo em crianças tinham sido bons de facto, mas também para serem considerados bons. Havia algo perturbadoramente próximo da hipocrisia nisto tudo, apesar de eles serem assim apenas para compensar o comportamento de Jack, que estava tão longe de ser bom, que lançava uma sombra sobre a casa. Eram tão felizes como o pai podia desejar, mais até. Que alegria! E o pai ria-se daquilo tudo, dançava com eles ao som do gira-discos, cantava com eles em redor do piano. Eram uma família maravilhosa! E Jack, quando por acaso estava presente, observava e sorria, mas não participava.

Agora, já adultos, empenhavam-se tanto em estarem juntos nas festas, que Glory não via a casa vazia e sossegada há anos, desde rapariga. Mesmo depois de os irmãos se terem mudado por causa dos estudos, a mãe continuava presente e o pai mantinha vigor suficiente

para fazer barulho em casa, entrando e saindo, cantando e resmungando. “Não sei para que é preciso bater com aquela porta!”, comentava a mãe quando ele saía para tratar de assuntos da paróquia ou para jogar às damas com Ames. Ele praticamente saltava por cima dos degraus. A questão de Jack com a rapariga e a bebé atordoou-o e deixou-o exausto, mas naquela altura ainda era robusto o suficiente, cheio de determinação. Mais tarde, depois de a fragilidade ter finalmente levado a melhor sobre ele e de a mãe deles ter morrido, continuou a existir o tropel da família, além das brincadeiras e discussões dos primos mais pequenos, que interrompiam e perturbavam a conversa dos adultos vezes suficientes para desviar as perguntas sobre os pormenores da situação de Glory. Ela continuava a dar aulas, continuava noiva, sim, os noivados longos são os melhores. Por duas vezes, o noivo tinha aparecido com ela ali em casa, cumprimentando toda a gente e sorrindo perante um escrutínio tão cheio de tato. Tinha estado ali. Não podia demorar-se muito, mas conhecera o pai, que dissera que tinha simpatizado com ele, e isso aligeirara um pouco as suspeitas. Tanto as deles como as dela. Agora aqui estava Glory sozinha com o pobre pai envelhecido, o triste e velho pai, em cujo ombro grande parte da Gilead presbiteriana com mais de vinte anos tinha chorado pelo menos uma vez. Não era preciso dizer nada, assim como não havia esperança de esconder coisa alguma.

A povoação parecia-lhe diferente, agora que regressava para ali viver. Estava perfeitamente habituada a Gilead enquanto tema e cenário de memórias nostálgicas. Todos os irmãos e irmãs, exceto Jack, adoravam regressar a casa, e com que vontade partiam depois! Como lhes eram queridos aquele lugar e as suas velhas histórias, apesar de todos terem dispersado, indo para tão longe! O passado era muito bonito, no seu devido lugar. Mas o regresso dela agora, para ficar, como o pai tinha dito, tornava a memória mais portentosa. Permitir que a memória ultrapassasse os seus limites deste modo, tornando-se presente e talvez futuro — todos sabiam que era lamentável. Glory sentia-se exasperada quando pensava na comiseração deles.

As famílias dali, na sua maioria, tinham há muito mandado demolir os anexos e vendido as pastagens. Havia aparecido na zona casas mais pequenas, em estilos mais recentes, em número suficiente para fazerem as casas mais antigas parecerem cada vez mais